

Que destino terá a obra de um escritor de nossa época quando raiar o século XXI? - Dinah Silveira de Queiroz

De acordo com Ana Rüsche (USP) e Pilar Lago e Lousa (Unicamp) (2020), a pergunta, escrita na caligrafia da própria escritora com data de 1971, foi recuperada por Bella Josef, historiadora da literatura hispano-americana, ao elaborar o perfil Seletas de Dinah Silveira de Queiroz (1974). Já àquele tempo, podemos perceber a preocupação da autora com o impacto de sua produção quando o período de suas fantasias se materializasse. Tal inquietação parece perpassar o tecer de suas obras e partir de sua própria história, que acima de tudo, não deixa de ser política.

Dinah Silveira de Queiroz nasceu em São Paulo, em 1911. Mulher branca, oriunda de uma família de posses, escritores e intelectuais, frequentou um tradicional colégio feminino. A autora lançou seu primeiro livro em 1939, *Floradas na Serra*, cuja recepção foi imediata e teve sua tiragem esgotada em vinte dias. Teve muitas obras de grande peso, entre elas, *A Muralha* (1954) é um de seus romances mais conhecidos. Entre outras obras importantes, publicou em 1949 *Margarida La Rocque: a ilha dos demônios*, livro traduzido para diversas línguas e lançado em países como Canadá, Coreia do Sul, Espanha, França, Itália, Japão e Portugal. Bastante aclamado, é considerado um best-seller, assim como *Verão dos infieis*, de 1968. Em 1960, Dinah Silveira de Queiroz publica o livro de contos *Eles Herdarão a Terra*, explorando a ficção científica. Interesse que se consolidou em 1969 com *Comba Malina*, outro livro de contos seu.

A autora tinha um grande apreço pela luta das mulheres e reivindicou de maneira contundente a inserção delas na Academia Brasileira de Letras. Pleiteou uma cadeira na ABL por três vezes: nas duas primeiras, 1970 e 1979, não foi bem-sucedida, ainda que tivesse apoio de muitos intelectuais. Enfrentou as normas sexistas da instituição e, em 1981, um ano antes de sua morte, foi empossada.

Ainda hoje, contudo, podemos notar o apagamento da obra de Dinah Silveira de Queiroz, o que para alguns autores, pode estar relacionado ao próprio arquivamento de nossa

¹ Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), psicóloga pela mesma instituição, especialista em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz) e em Saúde Mental e Atenção Psicossocial também pela instituição, além de bacharel em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

historiografia literária. A reparação histórica com relação a autora nos abre caminhos para tempos vindouros, sendo chance de conhecer novas vozes, formas de atuação e de compreender cada vez mais o ontem enquanto possibilidade de mudar o agora. O que buscaremos aqui é reforçar a importância de sua obra, observando tanto a preocupação da autora com a permanência de sua escrita quanto com o modo como explorávamos e, que ainda exploramos, a natureza. Assim, parafraseando Ailton Krenak (2020), pensando em maneiras de adiar o fim do mundo.

Tendo falado um pouco de quem foi a figura da Dinah Silveira de Queiroz, serão apresentados brevemente os dois contos selecionados para desenvolver o presente trabalho.

Eles Herdarão a Terra

Em *Eles Herdarão a Terra* (1960/2022), temos uma invasão marciana, na qual a possibilidade de fuga não é possível. Marcos, o narrador da história, conta os acontecimentos desde que conhecera tardiamente sua irmã Tuda, passando pela morte misteriosa do pai, até a chegada de um forasteiro mal-intencionado. O Farol da Ilha da Mola, no Rio de Janeiro, é o cenário para um projeto de dominação mundial que está além da vontade da família do protagonista. No início do conto percebemos o ambiente familiar hostil e machista enfrentado por Tuda. Pai e irmão constantemente diminuem a garota ou a tratam sob a máxima de “mulher é bicho doido” (QUEIROZ, 1960/2022). Tuda chora, mas não chega a enfrentar os dois, ela é uma estrangeira entre os seus e no espaço privado lhe é requisitado o silêncio.

O encontro com o marciano, que vem dos céus, é inicialmente confuso. A figura exótica desperta mistério e curiosidade nos irmãos. Tuda é atenciosa e quer saber mais sobre o forasteiro, enquanto Marcos, desconfiado, sente o perigo se aproximar. O plano de invasão é revelado a Marcos, assim como uma possível conexão inicial entre seu pai e o povo de Marte. A colonização da Terra pelo povo do outro planeta é justificada sob as seguintes perspectivas: os terráqueos não merecem o mundo que têm, estão caminhando para a destruição do mesmo; já o povo marciano é mais evoluído; mas as condições precárias de seu planeta fazem com que vivam de maneira artificial; e as instalações da Terra os lembra o quanto eles são infelizes, fato que lhes abre o canal para a apropriação. A autora alerta, por meio da ficção científica, para um futuro inevitável e aterrador em que o ser humano é o seu próprio algoz. A presença de um alienígena e a iminência da invasão marciana que figura em *Eles Herdarão a Terra* é o canal por meio do qual a deterioração será deflagrada.

Dentro desse contexto, os alienígenas esperam há séculos para herdar a Terra e a herdarão sem precisar nos confrontar, apenas aguardando nossa destruição por nós mesmos. No contexto da Guerra Fria, poderia vir a partir da guerra atômica, por exemplo. Mas que poderia se relacionar também com a própria destruição dos meios para nossa sobrevivência, caminho que parecemos trilhar até hoje.

Os Possessos de Núbia

Em *Os Possessos de Núbia* (1969/2022) a questão do direito ao corpo é o mote inicial da história. No futuro apresentado, conhecemos Bruno, o protagonista que se recusa a permitir que sua esposa Bella tenha seus filhos de forma natural, como há muito tempo não se fazia no planeta Terra. Em uma época em que a geração de bebês ocorre através de cubas de porcelana, em vez da gestação no próprio ventre feminino, a escolha de Bella é vista como brutal e vergonhosa, desafiando as normas sociais de submissão e silenciamento impostas às mulheres em *Os Possessos de Núbia*, mas também assemelhando-se ao período em que o conto incluído em *Comba Malina* foi escrito (PERROT, 2003, p.22). A emancipação feminina imposta por Bella a Bruno é tida pela virilidade do protagonista como insuportável, o que o leva a abandonar sua mulher e filhos, e se mudar para a pequena colônia terráquea localizada na distante Núbia. O planeta é retratado como um lugar promissor, cheio de promessas e pretensa felicidade, escondendo complexas dinâmicas de poder por trás do controle de informação e do uso da droga fixêmio, que proporciona prazer e tranquilidade.

Capitão Welsch é o homem que comanda a colônia com mãos de ferro, lembrando regimes autoritários e suas nefastas consequências. Além da governança, o cotidiano é extremamente paramentado e militarizado, com a presença de um exército de robôs a fim de *garantir a segurança*. Welsch oculta as verdadeiras condições de vida em Núbia ao mesmo tempo em que distorce dados e promove a alienação da população, em busca de criar uma representação irreal da vida na Terra para os colonos.

À medida que a narrativa avança, a estabilidade na colônia se mostra frágil e volátil. Núbia é iluminada por Glauco, um sol hostil, que ao longo da trama protagoniza a tentativa de extinção da vida no planeta e é capaz de revelar as contradições enfrentadas pelos colonos. O climax da história ocorre quando as temperaturas se elevam a tal ponto que “a segurança e a felicidade artificiais volatilizam-se” (CRISTÓVÃO, 1989, p.125), derretendo junto com os robôs, e com “a diminuição da dose de fixêmio volta a incerteza e a angústia” (1989, p.125 - grifo do autor).

Diante da iminente morte, a pequena comunidade se encastela e fortalece em suas mediações, para sobreviver ao calor intenso e às ações de Glauco. Em meio ao caos a colônia descobre, por meio do episódio, a existência de povos originários que viviam no centro de Núbia. Dentro do discurso oficial militar, os colonos enviados ao planeta não foram informados sobre esses habitantes subterrâneos, pois acreditava-se que o conhecimento de sua existência os afastaria da sociedade utópica, livre da guerra, da doença e dos desastres naturais que atingem a Terra. (GINWAY, 2005, p.58-59)

Numerosos, desesperados e fugindo da morte, esses povos originários buscam ajuda na pequena comunidade que, resguardada por uma redoma de vidro e consumida pelo pânico, recusa assistência. Um a um, os habitantes do povo desconhecido acabam morrendo às portas da colônia. Sob a liderança do Capitão Welsch, os terráqueos habitantes de Núbia passam a se assemelhar mais a tiranos do que com seres que se pretendiam evoluídos. Percebemos nesse trecho de tensão da história semelhanças que nos remontam aos períodos coloniais nacionais ou às violências da própria ditadura militar que em 1969 chegava ao seu período de maior recrudescimento.

Ao tornar adversa a resposta dos colonizadores aos que buscavam ajuda, a autora estabelece fronteiras precisas entre o *nós* e o *eles*, que se clivam não apenas à falta de compreensão desse *outro* coletivo, mas também incluem o desejo de aniquilação. Essa crítica se assemelha às disputas discursivas e sociais da história do país, denunciando a brutalização e desumanização frequentemente associadas à representação de negros e indígenas. A elite, representada pela pequena colônia, destrói os povos que não reconhece como iguais (RÜSCHE e LAGO e LOUSA, 2020).

Ao final, o protagonista Bruno age desesperadamente ao se lançar para fora da redoma com o objetivo de resgatar um bebê à beira da morte, nos braços da mãe, fechando um ciclo iniciado no momento em que abandonou Bella e seus filhos. No entanto, sua tentativa de redenção ocorre tardiamente, resultando em sua própria morte. É nesse contexto que surge mais uma figura feminina: Célia, que desempenha o papel de mulher solteira desimpedida e também de prostituta. É ela quem conclui o ato de Bruno e resgata o bebê salvando-lhe a vida. Em contraposição com a destruição promovida por Glauco, Célia é apresentada como a conciliadora dos dois mundos: a colônia de invasores, que tomam posse de Núbia e da possibilidade de sobrevivência no planeta, e, ao garantir que o bebê viva e assumir sua criação, permite a continuidade do povo nativo à beira da extinção. Essa conservação da espécie, contudo, segue maculada, vez que seria imposta por meio da criação dessa nova vida por uma cultura (ou uma civilização) outra.

Contextualização Histórica dos Contos

Uma das periodizações mais utilizada para descrever diferenças entre produções da Ficção Científica Brasileira é a de que os dois livros de contos de Ficção Científica de Dinah Silveira de Queiroz acomodam-se na Primeira Onda da Ficção Científica Brasileira, considerado por Bell e Molina-Gavilán o período entre 1958 e 1972 (RÜSCHE e LAGO e LOUSA, 2020). Segundo destacado por Rüsche e Lago e Lousa (2020), sobre as características centrais da produção do período do início da Primeira Onda, Ramiro Giroldo aponta que, antes de tudo, se trata de um grupo de autores heterogêneo, que se utilizam de formas narrativas e poéticas distintas “para alcançar um objetivo símile” (GIROLDO, 2012, p.15). Esses objetivos comuns podem ser descritos de duas maneiras: procurar uma compreensão do que é ser brasileiro por meio da alteridade e refletir a respeito do emprego de tecnologias.

Ao final da Primeira Onda, surge um conjunto de publicações dentro de uma nova fase, “um ciclo de utopias e distopias políticas e ecológicas preocupadas com a denúncia do regime militar (1964-1985), da tecnocracia e das consequências desumanizadoras da modernização do país” (CAUSO, 2013, p.8). Como destacado anteriormente, os contos datam de quase 10 anos de diferença de publicação (1960-1969). E no Brasil podemos dizer que isso por si só já fala de períodos bastante distintos de nossa história. Ao tempo de *Eles Herdarão a Terra*, nosso presidente era Juscelino Kubitschek, cujo bordão foi “50 anos em 5”, tendo um mote desenvolvimentista da economia. Enquanto em *Os Possessos de Núbia* veio pouco depois da aprovação do ato institucional número 5. Este que foi o quinto de dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar e foi considerado o mais duro de todos os atos institucionais.

Então, a partir da famosa frase “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”, comumente atribuída a Fredric Jameson e Slavoj Žižek, mas popularizada por Mark Fisher, podemos dizer que para Dinah Silveira de Queiroz em 1960, era mais fácil imaginar a terra sendo invadida por alienígenas do que imaginar o fim do capitalismo. Em meio a um governo com foco no desenvolvimento econômico pautado na abertura econômica ao capital estrangeiro e na emissão monetária que acabou levando a um enorme processo inflacionário, não é difícil imaginar o que pode ter levado a isso. Mas já nesse primeiro momento destacado vemos o enfoque da autora no nomeado aqui de desmoronar de mundos, que retorna em 1969 com *Os Possessos de Núbia*. Nesse caso, entretanto, percebemos uma

crítica voltada à própria ditadura militar (mas não só) e ao tratamento dado aos povos originários, que, não por acaso, nos remete também aos últimos anos que vivemos no Brasil.

Considerando as correlações possíveis entre nossa história e os dias atuais, não podemos deixar de citar o que vem sofrendo os povos originários em nossa nação, Seja quando pensamos na tomada de territórios yanomamis pelo garimpo², na disputa quanto ao marco temporal³, no crescimento desenfreado das queimadas no interior brasileiro⁴ ou nas mudanças climáticas intensificadas nos últimos anos⁵, não é possível perder de vista as ações que levam a produção de tais questões. Tendo isso em mente, e em busca de correlacionar o tema com a literatura, faz-se importante discutir o papel da ação humana nessa era que vem sendo chamada por alguns de Antropoceno.

Antropoceno ou Capitaloceno?

O antropoceno é um conceito associado à invenção da máquina a vapor por James Watt, em 1784, referindo-se à uma nova era geológica caracterizada pelas alterações climáticas, geológicas e atmosféricas produzidas pela ação do ser humano. Esse conceito vem do grego *anthropos* - humano - e *kainos* - novo - e foi popularizado nos anos 2000 pelo químico holandês Paul Crutzen, vencedor do Prêmio Nobel de química em 1995 (NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2023) e por Eugene Stoermer, professor estadunidense de biologia da Escola de Recursos Naturais e Meio Ambiente da Universidade de Michigan. Assim, de acordo com essa concepção, as mudanças climáticas que vivenciamos atualmente, o rápido acúmulo de gases de efeito estufa e os danos, que já podem ser considerados irreversíveis, causados pelo consumo excessivo de recursos naturais são um reflexo das atividades humanas na natureza. O impacto dessas ações seria tamanho que existem estudiosos que defendem que os humanos estariam modificando o planeta e seus processos em escala até mais intensa que as outras forças naturais combinadas. Desta forma, o planeta estaria vivenciando o antropoceno.

2 <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/01/desmatamento-por-garimpo-na-terra-indigena-yanomami-saltou-25-em-2022-aponta-inpe.shtml>

3 <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/09/27/senado-vai-contraria-stf-e-aprova-marco-temporal-para-demarcacoes-de-terras-indigenas.ghtml>

4 <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2023/01/31/queimadas-em-florestas-quase-dobram-e-atingem-pico-da-era-bolsonaro-em-2022.htm#:~:text=As%20queimadas%20em%20%C3%A1rea%20de,bioma%20mais%20afetado%20pelo%20fogo.>

5 https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/clima/mudancas_climaticas2/#:~:text=Entre%20as%20principais%20atividades%20humanas,do%20solo%3B%20agropecu%C3%A1ria%3B%20descarte%20de

Apesar de ser um conceito relativamente recente, o antropoceno tem sido objeto de controvérsia, já que pesquisadores têm questionado a referência a *anthropos*, por levar em consideração um ser humano genérico. Muitos acreditam ser necessário salientar já na definição que seres humanos e que sistema econômico são responsáveis por levar a ultrapassagem dos limites biogeofísicos do planeta. Assim, essa definição converteria o ser humano em uma espécie genérica. Ou, em outras palavras, tornaria todas as pessoas igualmente responsáveis pela destruição planetária. É por isso que outros nomes vêm sendo cogitados para definir a era que nos encontramos.

Isso posto, considera-se que o conceito de capitaloceno tenta dar conta e tornar visível o papel e a responsabilidade do sistema econômico capitalista na destruição do planeta. Tal definição procura enfatizar que a ação humana é sempre perpassada por relações políticas e econômicas de poder e desigualdades no contexto do capitalismo global. O capitaloceno ressalta, portanto, como a apropriação da natureza e de seus territórios é causadora de transformações ambientais profundas. Como esclarecem teóricos que cunharam o conceito, o capitaloceno não significa a definição do capitalismo como sistema econômico e social. Em vez disso, entende-se o capitalismo enquanto maneira de organizar a própria natureza - como uma ecologia-mundo multiespécie, situada e capitalista (MOORE, 2016/2022).

Partindo da definição proposta, um conceito típico do capitaloceno seria a ideia de que a terra pertence a alguém. Por conseguinte, não haveria terra que não seria de uso, abuso, posse ou propriedade. Dentro de uma sequência lógica é a terra que faz o território, que faz a nação, que gera a nacionalidade que cria o Estado. A partir desse desencadeamento lógico, chegaríamos à curiosa constatação de que aos povos originários foi dito ininterruptas vezes que eram estrangeiros em suas próprias moradas. Podemos pensar, por exemplo, na invasão portuguesa aos territórios indígenas ameríndios e em todas as sucessivas despossessões desde então. Muitas vezes sem qualquer aviso prévio ou negociação foi imposto aos indígenas que se tornassem estrangeiros em suas próprias terras (DUNKER, 2022).

Assim, não diferente do que ocorreu em muitos lugares do planeta Terra, em Núbia podemos notar processo próximo, haja vista não só a invasão ao seu planeta natal, como também a recusa de aproximação e proteção no desenrolar do enredo de *Os possesores de Núbia*. Desde já pode-se notar um duplo entre o mundo que habitamos e a criação de Dinah Silveira de Queiroz, ponto que retornaremos mais a frente.

A Terra e seu Duplo: Núbia - Comentários sobre o Infamiliar

O infamiliar é uma palavra-conceito que suscita angústia e horror, perpassando por um intraduzível. Nesse sentido, nas palavras de Cassin (2018), “o intraduzível não é o que não pode ser traduzido, mas o que não cessa de (não) traduzir”. Isso porque não há uma palavra na língua portuguesa que cumpra perfeitamente a função de definir esse conceito que é atravessado pela locução “a inquietante estranheza familiar”. Assim, para o presente trabalho, optamos pela nomeação de infamiliar, por possuir ressonâncias com a palavra familiar.

Acreditamos que a expressão tenha algo da ordem do antitético vez que se trata de algo que, por um lado, reconhecemos como íntimo e já conhecido e por outro, percebemos como desconhecido, como estranho e inquietante, como esquecido e oculto, de e em nós mesmos. Podemos percebê-lo ao experienciarmos situações as quais nos fazem dizer coisas do tipo: “seu rosto me é familiar, mas não me lembro de onde” ou “isso me soa familiar, embora me pareça meio estranho” ou ainda “este lugar me é tão familiar, mas não sei bem porquê, acho que nunca estive aqui”. Assim, podemos dizer que a palavra “familiar”, entre as diversas nuances no seu significado, também aponta coincidente com seu oposto “infamiliar” (IANNINI e TAVARES, 2021). O infamiliar é, então, o que uma vez foi doméstico, o que há muito é familiar. Mas o prefixo de negação “in-” nessa palavra é a marca do recalçamento. Assim, o infamiliar nos remete àquilo que causa estranhamento e inquietação, fundamentalmente, por tocar algo de familiar e que, por algum motivo secreto, não poderia ser identificado como tal.

Em geral, quando pensamos na literatura, é comum ver o infamiliar associado à ideia de duplo. Tal temática já era de interesse dos primeiros analistas, como Otto Rank, que considerava o duplo uma garantia contra o declínio do Eu, um “enérgico desmentido do poder da morte”, como enfatizado por Freud em *O infamiliar* (1919/2021). O tema do duplo traz consigo concepções como a de uma constante ambiguidade entre o dentro e o fora, ou mesmo entre o que é nosso e o que é do outro, ou ainda entre o que é uno e o dividido. Assim, nas palavras de Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares (2021), o duplo nos adverte de que nunca somos tão iguais a nós mesmos quanto pretendemos, nem tão diversos daqueles que tomamos por distantes estranhos/estrangeiros.

Segundo Freud (1919/2021), o infamiliar da ficção - da fantasia, da criação literária - merece ser considerado à parte. Isso porque ele costuma ser muito mais rico que o infamiliar das vivências. Podemos percebê-lo pois no reino da fantasia há o pressuposto de legitimação do fato de que o conteúdo das obras está dispensado da prova de realidade. O resultado paradoxal, contudo, que acaba por ressoar é o de que na criação literária não é infamiliar

muito daquilo que o seria se ocorresse na vida e, além disso, é possível atingir efeitos do infamiliar na criação literária que não se aplicam à vida.

Frente ao exposto, passemos a Núbia, esse planeta que parece nos falar sobre um duplo da Terra. Núbia é um planeta colonizado por humanos, mas ainda pouco explorado. Está aquém das belezas terrenas, mas traz consigo a fagulha da vida. No decorrer da trama, percebemos cada vez mais semelhanças com o mundo que habitamos, de modo que no fim, nos deparamos com o horror da destruição de outros não considerados humanos o suficiente. Há uma impossibilidade de encontro com esse outro que é enxergado como um completo estrangeiro. Essa impossibilidade de laço é subjugada apenas pela culpa, materializada no resgate do bebê alienígena que põe fim à trama.

Destarte, Dinah Silveira de Queiroz parece querer chamar a atenção para algo que se repete: um mal-estar de tripla fonte presente na contemporaneidade. Seja por conta do poder superior da natureza, pela fragilidade de nossos corpos ou quanto à inadequação às regras, estamos cientes de nossa finitude e dos limites impostos no campo interpessoal e também pela própria natureza.

REFERÊNCIAS

CAUSO, Roberto de Sousa. *Ondas nas Praias de um Mundo Sombrio: New Wave e Cyberpunk no Brasil*. (Tese - Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-12032014-123051/publico/2013_RobertoDeSousaCauso.pdf. Acesso em: 20 de julho de 2023.

CRISTÓVÃO, Fernando. *A ficção científica de Dinah Silveira de Queiroz*. In ALVES, Dário de Castro (Org.). *Dinah, caríssima Dinah*. Brasília, Belo Horizonte: edição do autor, 1989.

DUNKER, Christian. *Estrangeiros em nossa própria morada*. In SECCHES, Fabiane. (org.) *Depois do fim: conversas sobre literatura e antropoceno*. São Paulo: Editora Instante, 2022.

MAES, Jéssica. *Desmatamento por garimpo na terra indígena yanomami saltou 25% em 2022 aponta inpe*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/01/desmatamento-por-garimpo-na-terra-indigena-yanomami-saltou-25-em-2022-aponta-inpe.shtml>. Acesso em: 30 de setembro de 2023.

FREUD, Sigmund. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, Sigmund. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradutora: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. *O Infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GINWAY, Mary Elizabeth. *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*. São Paulo: Devir, 2005.

GIROLDO, Ramiro. *Alteridade à margem: estudo de As Noites Marcianas, de Fausto Cunha*. (Tese - Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-09012013-144133/pt-br.php>. Acesso em: 1 de julho de 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAGO E LOUSA, Pilar e RÜSCHE, Ana. *Na Máquina do Tempo de Papel: Comba Malina e a Importância da Ficção Científica de Dinah Silveira de Queiroz*. Rio de Janeiro: Revista Abusões, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/46421>. Acesso em: 12 de junho de 2023.

MADEIRO, Carlos. *Queimadas em florestas quase dobram e atingem pico da era Bolsonaro em 2022*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2023/01/31/queimadas-em-florestas-quase-dobram-e-atingem-pico-da-era-bolsonaro-em-2022.htm#:~:text=As%20queimadas%20em%20%C3%A1rea%20de,bioma%20mais%20afetado%20pelo%20fogo.>>. Acesso em: 15 de setembro de 2023.

MOORE, Jason. *Antropoceno ou Capitaloceno?* São Paulo: Editora Elefante, 2022

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. *O que é o antropoceno e por que esta teoria científica responsabiliza a humanidade?*, 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/01/o-que-e-o-antropoceno-e-por-que-esta-teoria-cientifica-responsabiliza-a-humanidade>>. Acesso em: 27 de julho de 2023.

PERROT, Michelle. *Os silêncios do corpo da mulher*. In MATOS, Maria Izilda Santos de e SOIHET, Rachel (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Dinah fantástica: contos de ficção científica reunidos*. São Paulo: Editora Instante, 2022.

RESENDE, Sara. *Senado vai contra STF e aprova marco temporal para demarcações de terras indígenas*. Brasília: Globo, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/09/27/senado-vai-contra-stf-e-aprova-marco-temporal-para-demarcacoes-de-terras-indigenas.ghtml>>. Acesso em: 28 de setembro de 2023.

WWF. *As Mudanças Climáticas*. Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/clima/mudancas_climaticas2/#:~:text=Entre%20as%20principais%20atividades%20humanas,do%20solo%3B%20agropecu%C3%A1ria%3B%20descarte%20de>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.